

## PERCEPÇÃO DE SAÚDE E O COMPORTAMENTO DA POPULAÇÃO PARAIBANA DURANTE A PANDEMIA DA COVID-19

NATHALIA TAYNÁ DE MELO DE LIMA (IFPB, Campus Cabedelo), MARIA KLECYA DE ARAÚJO PAIVA (IFPB, Campus Cabedelo), LUANA CLAUDINO MOREIRA RIBEIRO (IFPB, Campus Cabedelo), BEATRIZ ELLEN DA SILVA NASCIMENTO (IFPB, Campus Cabedelo), ANA LAYENNE CARNEIRO DOS SANTOS (IFPB, Campus Cabedelo), KALINE SILVA CASTRO (IFPB, Campus Cabedelo)

**E-mails:** nathalia.tayna@academico.ifpb.edu.br, maria.klecy@academico.ifpb.edu.br, luana.claudino@academico.ifpb.edu.br, beatriz.ellen@academico.ifpb.edu.br, ana.layenne@academico.ifpb.edu.br, kaline.castro@ifpb.edu.br.

**Área de conhecimento:(Tabela CNPq):** 4.06.02.00-1 Saúde Pública.

**Palavras-Chave:** isolamento social; coronavirus; pandemia; saúde mental; dificuldades financeiras.

### 1 Introdução

Com a chegada da COVID-19 no Brasil, as autoridades sanitárias tomaram diversas medidas restritivas como estratégia para o controle e prevenção da doença, dentre estas, o isolamento social (BEZERRA et al., 2020a). Neste cenário de pandemia mundial, de doença potencialmente contagiosa e isolamento social, diversos impactos na vida das pessoas surgiram, como o desenvolvimento de problemas de saúde, especialmente aqueles que geram efeitos psicológicos negativos. Ho, Chee e Ho (2020) afirmam que a pandemia da COVID-19 pode desencadear problemas psicológicos, causar sofrimento aos cuidadores de indivíduos infectados, além de promover crises de ansiedade e medo, relacionadas ao receio de contágio ou até mesmo, da morte.

Além do estresse e dos problemas psicológicos desenvolvidos por causa da chegada inesperada da pandemia, pacientes infectados pelo vírus, ou mesmo com a suspeita, podem sofrer com fortes reações emocionais e comportamentais como medo, tédio, solidão, ansiedade, insônia ou raiva. Essas reações podem reverberar em transtornos mais graves como depressão e ansiedade (ORNELL et al., 2020).

O estilo de vida das pessoas durante a pandemia tem se mostrado pior. Um inquerito realizado constatou o aumento de comportamentos de risco à saúde, como: maior tempo de uso das telas, aumento na ingestão de alimentos industrializados, no consumo de cigarro e bebidas alcoólicas e a diminuição na prática de atividades físicas (MALTA et al., 2020). Além desse contexto, observa-se que o impacto da pandemia na economia mundial está sendo expressivo e o número de desempregados passou a crescer em 26% (BEZERRA et al., 2020a).

Com isso, o presente trabalho teve como objetivo avaliar os aspectos comportamentais dos indivíduos residentes na Paraíba no período da pandemia da COVID-19. Como também, foram verificados os aspectos sociais, financeiros e a percepção de saúde dos participantes. Posto que são incipientes os dados epidemiológicos sobre o impacto da pandemia na população brasileira.

### 2 Materiais e Métodos

A pesquisa foi aprovada pelo Comitê de Ética em Pesquisa através do CAAE de número 35127220.0.0000.5185 e se caracterizou como de campo, descritiva, transversal e com abordagem quantitativa. A pesquisa de campo apresenta dados coletados em situação sem um controle rígido, a descritiva registra uma realidade sem intererir nela, a pesquisa transversal obtém uma informação com base em um corte transversal na linha do tempo e a abordagem quantitativa trabalha com dados mensuráveis (APPOLINÁRIO, 2011).

O universo do estudo foi composto por indivíduos maiores de 18 anos, residentes no Estado da Paraíba e com acesso à internet por meio de algum dispositivo como tablet, celular ou computador. Informações relacionadas aos aspectos comportamentais da população (perfil socioeconômico, aspectos do isolamento e condições de habitabilidade) e à percepção de saúde (condição física e psicológica) foram coletadas através de um questionário disponibilizado por meio do Google Forms®. Esse instrumento foi criado com base no estudo de Bezerra et al. (2020a).

Torna-se importante esclarecer que o questionário utilizado não era um teste e não tinha o intuito de gerar resultados ou realizar diagnósticos sobre o estado de saúde dos participantes. O instrumento apenas buscou compreender a percepção do indivíduo sobre diversos aspectos (saúde, moradia, características do isolamento), no período de distanciamento social provocado pela pandemia da COVID-19.

A aplicação do instrumento de pesquisa ocorreu entre os meses de agosto de 2020 e janeiro de 2021, de forma não presencial e com auxílio das redes sociais (WhatsApp, Instagram e Facebook). O link com o questionário foi disponibilizado semanalmente em publicações no Instagram e Facebook, bem como nos grupos de WhatsApp dos pesquisadores. Com isso, uma amostra não probabilística e por conveniência foi considerada. Estimava-se que aproximadamente quinhentos indivíduos participassem do estudo. Por fim, os dados coletados foram analisados por meio do software SPSS® versão 23.0, sendo calculadas as frequências de todas as variáveis do estudo e realizada uma análise estatística com auxílio do teste de Correlação de Spearman. O nível de significância considerado foi de 5% ( $p < 0,05$ ).

### 3 Resultados e Discussão

A pesquisa teve uma amostra final formada por 396 paraibanos, a maioria do gênero feminino (65,9%). A idade dos participantes variou de 18 a 69 anos, com média de 29,6 anos (dp  $\pm 11,1$ ). O perfil do público se caracterizava como pessoas com um bom grau de instrução, 73,5% possuíam no mínimo o ensino superior incompleto. A renda familiar era variada, 6,1% relataram não possuir renda, 20,7% ganhavam até um salário mínimo, 27,8% entre um e dois salários, 22,5% entre dois e cinco, 9,1% de cinco a oito e 13,9% acima de oito salários mínimos. Quanto à ocupação, 36,1% apenas trabalhavam, 29,5% apenas estudavam, 20,7% trabalhavam e estudavam, 11,9% não tinham ocupação e 1,8% estavam aposentados. A maioria estava solteiro ou separado (69,2%). Um total de 30,6% fazia parte de algum grupo de risco para COVID-19.

O perfil dos respondentes da pesquisa foi semelhante ao perfil encontrado no estudo de Bezerra et al. (2020b) que buscou identificar preditores de estresse psicossocial durante a pandemia da COVID-19. O referido trabalho apresentou uma maior representatividade de mulheres e o nível de escolaridade prevalente dos respondentes foi pós-graduação. Nesse contexto, os autores associaram a escolaridade ao fato de que não houve redução da renda em decorrência da pandemia. No presente estudo, a maioria dos participantes (54,6%) relatou perda de renda no período da pandemia da COVID-19. Entretanto, essa perda era significativamente menor entre os participantes com um maior nível educacional ( $p=0,047$ ) (Tabela 1).

Tabela 1 – Relação entre o grau de escolaridade dos participantes e a renda mensal familiar no período da pandemia da COVID-19 (n=396).

Variáveis Categorias	Distribuição n(%)	Houve aumento na renda	Não houve mudança na renda	Houve uma pequena perda na renda	Houve uma grande perda na renda	Ficou sem renda
<b>Grau de escolaridade</b>						
Pós-graduação	101 (25,5%)	6 (5,9%)	63 (62,3%)	24 (23,7%)	8 (7,9%)	-
Superior completo	65 (16,4%)	8 (12,3%)	22 (33,8%)	22 (33,8%)	13 (20%)	-
Superior incompleto	125 (31,6%)	6 (4,8%)	39 (31,2%)	55 (44%)	23 (18,4%)	2 (1,6%)
Até o ensino médio	105 (26,5%)	5 (4,7%)	31 (29,5%)	43 (41%)	22 (21%)	4 (3,8%)
Total	396 (100%)					
<b>p-valor</b>						0,047*

\*Teste de Correlação de Spearman. Diferenças consideradas estatisticamente significativas com valor-p < 0,05.

Ao avaliar as condições de habitabilidade, 76,3% afirmaram que as suas residências possuíam área aberta (terraço, quintal, área verde). Em seguida, os participantes avaliaram as suas residências, levando em consideração aspectos como, tamanho, conforto, ventilação, acesso à água e presença de energia. Um total de 0,5% afirmou ser ruim as condições da residência, 16,7% classificaram como regular, 49,5% como boa e 33,3% como ótima. Esses fatores podem ter contribuído para uma boa adesão da população ao isolamento social, posto que a maioria das residências apresentava condições favoráveis há permanência dos indivíduos em casa.

Quanto ao comportamento dos indivíduos, apenas 8,3% informaram sair normalmente no período de pandemia, os demais, 91,7% praticavam algum tipo de isolamento, como total (não saíam de casa) ou parcial (saíam para trabalhar, comprar medicamentos ou alimentos). Ao serem questionados sobre o aspecto que mais sofre impacto com o período de isolamento, 42,9% afirmaram ser o convívio social, 35,6% o aspecto financeiro e 16,7% apontaram para a saúde. O impacto no aspecto financeiro pode ser explicado quando são apresentados os dados sobre a influência da pandemia na renda mensal familiar. Um total de 1,5% ficou sem renda, 16,7% sofreram uma grande perda na renda, 36,4% relataram uma pequena perda, para 39,1% não houveram mudanças e apenas 6,3% tiveram um aumento no salário mensal.

Um estudo realizado no Brasil, que avaliou a perda de bem-estar financeiro em virtude da pandemia, verificou que os indivíduos com maiores impactos são “os que possuem dependentes, sem estabilidade empregatícia, com menores rendas e que não possuíam reservas financeiras antes da pandemia” (VIEIRA et al., 2021, p.1). Os autores enfatizam que a perda de bem-estar financeiro pode gerar um problema de saúde pública e estar associada com aumento da ansiedade e depressão na população.

Em seguida, investigou-se o nível de estresse, ansiedade e tristeza das pessoas. Quanto ao estresse, a maioria relatou apresentar um moderado ou alto nível (76,5%) e 23,5% relataram pouco ou nenhum estresse. A ansiedade era classificada como moderada ou alta por 74,7% dos participantes e como pouca ou nenhuma por 25,3%. A maioria, 52,8%, também informou se sentir de forma constante, triste ou deprimida, já para 47,2% dos indivíduos, esses episódios eram esporádicos ou nunca aconteceram. Ao serem questionados sobre a saúde física no período da pandemia, 28% responderam que era ruim ou péssima, 40,9% afirmou ser moderada e 31,1% classificaram como boa ou excelente. Em acréscimo, 56,3% não praticavam nenhum tipo de atividade física.

Uma pesquisa realizada por Barros et al. (2020) constatou porcentagens semelhantes, 40,4% se sentiram deprimidos sempre ou quase sempre, e quanto ao nível de estresse a porcentagem foi igual, 76,5% da população relatou moderado ou alto nível de estresse. Shigemura et al. (2020) enfatiza que é essencial que os profissionais de saúde mental forneçam o suporte necessário às pessoas expostas à COVID-19, aos que prestam cuidados, às populações vulneráveis, indivíduos com

problemas mentais ou físicos preexistentes e aos trabalhadores de saúde que estão na linha de frente no combate à doença.

#### 4. Considerações Finais

O estudo representa um diagnóstico inicial da percepção de saúde, condição financeira e do comportamento dos indivíduos residentes na Paraíba durante o período da pandemia da COVID-19. Assim conclui-se que a maioria dos participantes praticou algum tipo de isolamento e o convívio social foi considerado o aspecto mais afetado nesse período. Outra consequência comum foi a redução da renda mensal familiar, principalmente na população com um menor grau de escolaridade. Quanto à percepção de saúde, com ênfase à mental, o estudo mostrou que a maioria das pessoas relata elevados níveis de estresse e ansiedade. Os dados revelam a necessidade de discussões ampliadas sobre os aspectos sociais, financeiros e de saúde relacionados ao período da pandemia da COVID-19, para que medidas emergentes, como políticas públicas, possam ser implementadas.

#### Agradecimentos

Agradecemos ao Instituto Federal de Educação, Ciência e Tecnologia da Paraíba - Campus Cabedelo que, através da Chamada Interconecta, apoiou a realização da pesquisa.

#### Referências

- APPOLINÁRIO, F. *Metodologia da ciência: filosofia e prática da pesquisa*. São Paulo: Cengage Learning, 2011.
- BARROS, M. et al. Relato de tristeza/depressão, nervosismo/ansiedade e problemas de sono na população adulta brasileira durante a pandemia de COVID-19. *Epidemiologia e Serviços de Saúde [online]*, v. 29, n. 4, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000400018>. Acesso em: 18 ago. 2021.
- BEZERRA A. C. et al. Fatores associados ao comportamento da população durante o isolamento social na pandemia de COVID-19. *Ciência e saúde coletiva*, v.25, p. 2411-2421, 2020a. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/csc/a/9g4hLHkSSW35gYsSpggz6rn/?lang=pt>. Acesso em: 15 abr. 2020.
- BEZERRA, C. B. et al. Impacto psicossocial do isolamento durante pandemia de covid-19 na população brasileira: análise transversal. *Saúde e Sociedade [online]*, v. 29, n. 4, 2020b. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0104-12902020200412>. Acesso em: 18 ago. 2021.
- HO, C. S.; CHEE, C. Y. C.; HO, R. C. Mental health strategies to combat the psychological impact of COVID-19 beyond paranoia and panic. *Annals of the Academy Medicine Singapore*, v. 49, n. 3, p. 155-160, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32200399/>. Acesso em: 15 abr. 2020.
- MALTA, D. C. et al. A pandemia da COVID-19 e as mudanças no estilo de vida dos brasileiros adultos: um estudo transversal. *Epidemiologia e Serviços de Saúde [online]*, v. 29, 2020. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S1679-49742020000400026>. Acesso em: 18 ago. 2021.
- ORNELL, F. et al. Pandemia de medo e COVID-19: impacto na saúde mental e possíveis estratégias. *Revista debates in psychiatry*. 2020. Disponível em: <http://www.ufrgs.br/ufrgs/noticias/arquivos/pandemia-de-medo-e-covid-19-impacto-na-saude-mental-e-possiveis-estrategias>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- SHIGEMURA, J. et al. Public responses to the novel 2019 coronavirus (2019-nCoV) in Japan: mental health consequences and target populations. *Psychiatry and Clinical Neurosciences*, v. 74, n. 4, p.281-282, 2020. Disponível em: <https://pubmed.ncbi.nlm.nih.gov/32034840/>. Acesso em: 15 ago. 2021.
- VIEIRA, K. et al. Perda de Bem-Estar Financeiro na Pandemia Covid-19: evidências preliminares de um Websurvey. *Saúde e Pesquisa*, v. 14, n. 4, 2021. Disponível em: <https://periodicos.unicesumar.edu.br/index.php/saudpesq/article/view/9020>. Acesso em: 18 ago. 2021.